

EL TANGO DEL VIUDO Y SU ESPEJO DEFORMANTE / 1967/2020

Um filme de RAÚL RUIZ E VALERIA SARMIENTO

Realização: Raúl Ruiz e Valeria Sarmiento/ **Argumento:** Raúl Ruiz, Valeria Sarmiento, Omar Saavedra Santis / **Fotografia:** Diego Bonacina / **Música:** Jorge Arriagada / **Montagem:** Carlos Piaggio (1967) e Galut Alarcón (2020) / **Intérpretes:** Rubén Sotoconil (O Víuvo); Luis Vilches (O Sobrinho); Luis Alarcón (Silva); Delfina Guzmán (Ana); Shenda Román (Lola); Claudia Paz (A Fantasma); Alfonso Venegas (O Diabo). E as vozes de Sergio Hernández (O Víuvo); Gabriel Urzúa (O Sobrinho); Néstor Cantilana (Silva); Marcela Golzio (Ana); Gabriela Arancibia (Lola); Chamila Rodríguez (A Fantasma); Arturo Rosel (O Diabo)

Produção: Chamila Rogríguez para a Portrastos / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 63 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Berlim, Fevereiro de 2020 / **Inédito em Portugal,** primeira exibição na Cinemateca Portuguesa.

Vamos por partes, já que alguns esclarecimentos são necessários.

Apesar de todos os planos do filme terem sido filmados em 1967 por Raul Ruiz, na verdade esta é uma obra de dois autores: Ruiz e Valeria Sarmiento (sua mulher e montadora da grande maioria dos seus filmes), que em 1967 ainda não conhecia o futuro marido, e portanto, só viu pela primeira vez o filme após a morte dele.

Simplificando um pouco, pode dizer-se que Ruiz realizou **El Tango del Viudo** (em 1967) e Valeria **Su Espejo Deformante** em 2020, ou seja, nove anos após a morte do marido.

As filmagens terão decorrido durante o mês de Junho de 1967. Conta Luis Alarcón, um dos actores do filme, que “estávamos a fazer a peça *Tres Tristes Tigres*, com o grupo El Cabildo (de que faziam parte todos os outros actores do filme) no Teatro Talía quando Ruiz veio falar connosco sobre **El Tango del Viudo**. Foi todo filmado nuns 10 ou 15 dias. O Raúl chegava com uns diálogos que não nos diziam nada. Ao princípio não percebíamos muito. Fomos juntado umas cenas e coisas que nos ocorriam no momento”. Ou seja, já os mesmos traços que, com o tempo, se tornaram marca pessoalíssima deste cineasta.

À revista Teleguía (19 de Janeiro de 1968) Ruiz, ao resumir o argumento, define-o como sendo um filme de terror: “*Mrs. Muir and the Ghost* revisto por Buñuel, não andaria muito longe” De facto, algumas as obsessões recorrentes deste autor, sejam elas temáticas (como por exemplo a convivência entre os vivos e os mortos, a mistura entre o quotidiano e o fantástico), sejam formais (os enquadramentos e

¹ Citado por Verónica Cortínez e Manfred Engelbertem *La Tristeza de los Tigres y los Misterios de Raúl Ruiz*.

sobretudo os reenquadramentos dentro do mesmo plano, o aproveitamento da profundidade de campo, por exemplo, as trucagens e a desmontagem das mesmas) estão já bem vincadas neste filme.

Entretanto, nos finais de 1967, inícios de 1968, e enquanto finaliza a montagem e começa os trabalhos de sonorização, surge a oportunidade de um outro filme com o mesmo grupo de actores, **Tres Tristes Tigres**. Ruiz, faz pela primeira vez aquilo que repetiria- também nisso este filme é precursor na filmografia do autor – inúmeras vezes: Interrompeu a montagem de um filme para dar prioridade à rodagem do filme seguinte. Quando quis voltar ao filme a entidade produtora, Cine Club Viña del Mar, não terá conseguido angariar fundos para a sua conclusão.

E o filme foi dado como perdido..

Até que em 2017, num armazém de uma antigo cinema de Santiago, apareceram seis dos sete rolos (o primeiro nunca apareceu) e todos sem som.

Dou a palavra a Valeria Sarmiento: “Que fazer? Como resgatar aquele material? A minha primeira impressão, perante aquelas imagens, foi a der ver só fantasmas., a maioria dos actores também já tinha morrido. (..) E como resolver o problema da falta de som? Estava fora de questão fazer um filme realista. A música tinha de ser contemporânea (...) para contrastar com a época em que foi filmado. De seguida tratou-se de descobrir o que diziam os actores, trabalho esse que só pôde ser levado a cabo com a colaboração de especialistas que sabiam ler lábios. Eram mulheres surdas.

A partir daí construir um esboço de guião, depois uma história e uma primeira montagem. A questão para mim era saber o que teria feito o Raúl. Lembrei-me então que ele sempre quis fazer um filme que, por um lado, apresentasse as imagens alinhadas no sentido normal e que, por outro, se pudessem ver essas imagens no sentido contrário. E nunca o pôde fazer em vida (...). É o momento, disse então para comigo, de pôr em obra o espelho deformante que o Raúl sempre quis fazer.(...) Tal é aventura deste filme.”

Ao ver, mesmo assim, numa versão inacabada, este filme, só nos aguça o apetite para (re)descobrir os outros filmes do período chileno deste autor e cineasta único que é Raúl Ruiz.

JOÃO PEDRO BÉNARD